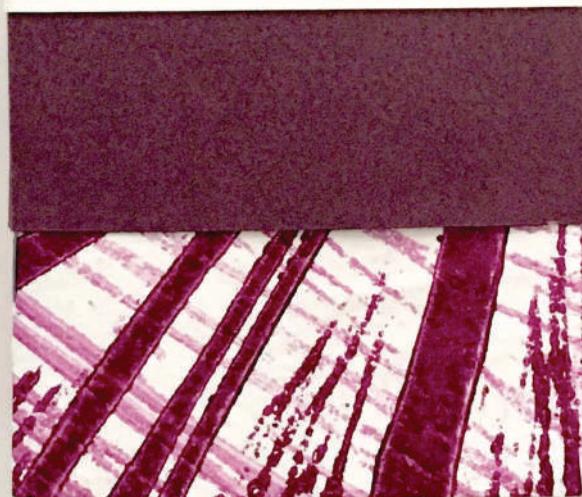
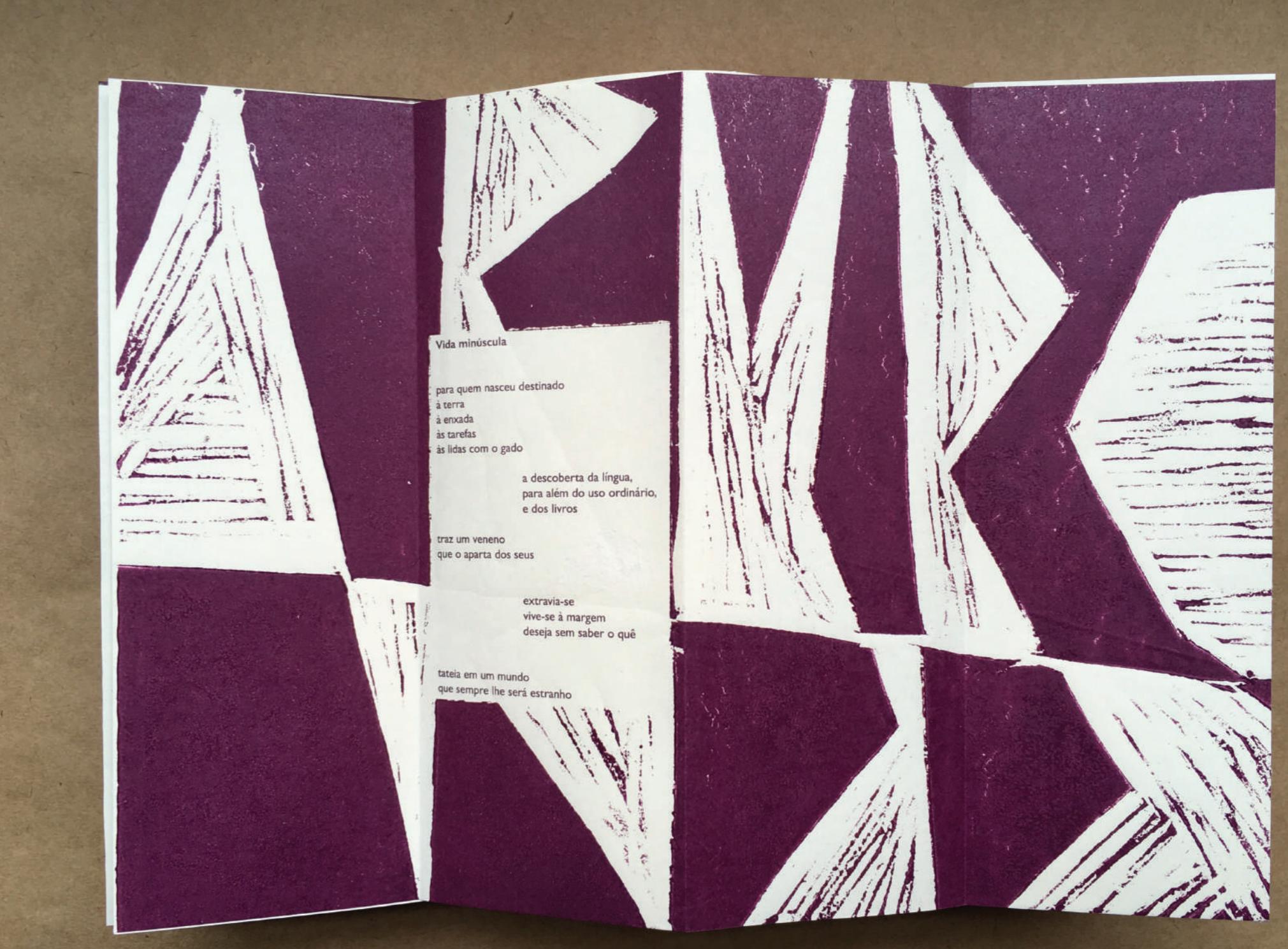
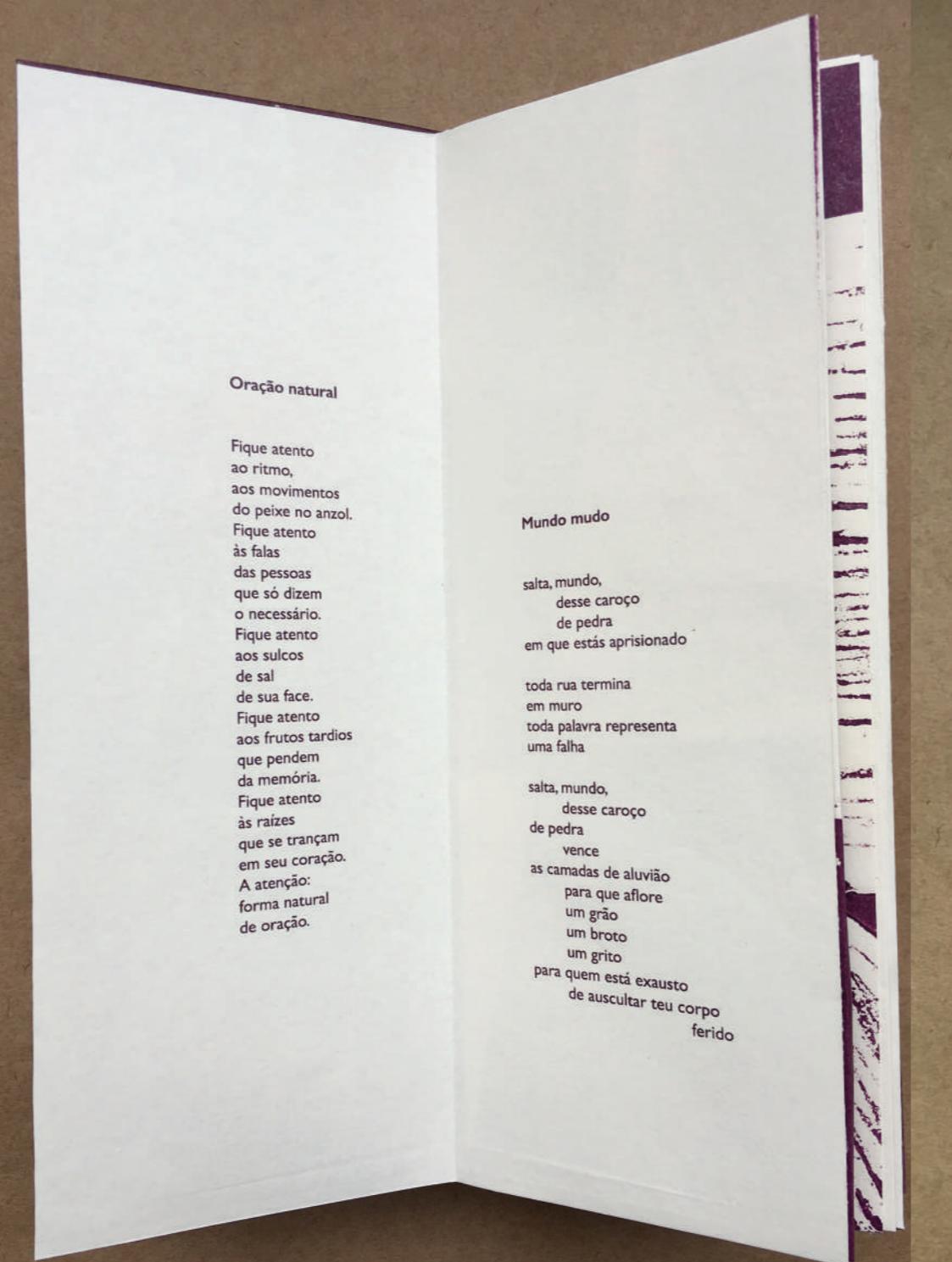


**POESIA**  
refúgio da memória

traduzindo  
**donizete galvão,**  
o poeta inacabado





### Cantiga

de molto amar o que nom hai sabido  
o obscuro o inominado o desvanecido  
hei amado com amor desmesurado  
amei sem a palavra amor a boca haver dito  
toda água salobra do poço hei bebido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se me tangem feito boi me desgarro esguarito  
que minha carne não haverá de ser ferida  
por zagaia de sandeu sem que eu escoiceie  
mas se me tratam com modos de muito afeto  
ou se minhas crías hai com gosto lambido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se nom me ajoelho diante de vus senhora  
mentre a mi me parecels em bel guarvai  
nom zangueis que igual a vus nom sei parelha  
de vista baixa vus imagem mirei de esgueilha  
desde entonce migo em coração hai guardado  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

### Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Lívia.

Que felicidade!  
Que tristidão!  
Que prazer!  
Que desprazer!  
O que diria  
a mómica Alice  
diante dessa  
loucurice?  
Inseio-o.  
Sua pele era  
esverdolenga.

A criassoa era meio

causadífera.

Mesmo estupefata,

naquele momento,

não o achei asquerento.

Há café?

Askentei.

Nada answerizou.

Há café granizado?

Permaneceu calado.

Quedel-me absurdada.

Chega de conversa,

Você já bouleversa.

Mais tarde,

encasimificada,

com processos

de euficiação,

toca a campainha.

Ao portearbrir,

depavime

com uma cartinhazinha.

Desenvolopei-a

e startei a gargarir.

Assim assinada vinha:

coracionalmente,

seu ET de Varginha.

### Cantiga

de molto amar o que nom hai sabido  
o obscuro o inominado o desvanecido  
hei amado com amor desmesurado  
amei sem a palavra amor a boca haver dito  
toda água salobra do poço hei bebido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se me tangem feito boi me desgarro esguarito  
que minha carne não haverá de ser ferida  
por zagaia de sandeu sem que eu escoiceie  
mas se me tratam com modos de muito afeto  
ou se minhas crías hai com gosto lambido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se nom me ajoelho diante de vus senhora  
mentre a mi me parecels em bel guarvai  
nom zangueis que igual a vus nom sei parelha  
de vista baixa vus imagem mirei de esgueilha  
desde entonce migo em coração hai guardado  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

### Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Lívia.

Que felicidade!  
Que tristidão!  
Que gordureza!  
Que esbelta!  
O que diria  
a mómica Alice  
diante dessa  
loucurice?  
Inseio-o.  
Sua pele era  
esverdolenga.

A criassoa era meio

causadífera.

Mesmo estupefata,

naquele momento,

não o achei asquerento.

Há café?

Askentei.

Nada answerizou.

Há café granizado?

Permaneceu calado.

Quedel-me absurdada.

Chega de conversa,

Você já bouleversa.

Mais tarde,

encasimificada,

comigomesmada,

em processo

de euficiação,

toca a campainha.

Ao portearbrir,

depavime

com uma cartinhazinha.

Desenvolopei-a

e startei a gargarir.

Assim assinada vinha:

coracionalmente,

seu ET de Varginha.

### Cantiga

de molto amar o que nom hai sabido  
o obscuro o inominado o desvanecido  
hei amado com amor desmesurado  
amei sem a palavra amor a boca haver dito  
toda água salobra do poço hei bebido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se me tangem feito boi me desgarro esguarito  
que minha carne não haverá de ser ferida  
por zagaia de sandeu sem que eu escoiceie  
mas se me tratam com modos de muito afeto  
ou se minhas crías hai com gosto lambido  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

se nom me ajoelho diante de vus senhora  
mentre a mi me parecels em bel guarvai  
nom zangueis que igual a vus nom sei parelha  
de vista baixa vus imagem mirei de esgueilha  
desde entonce migo em coração hai guardado  
pero moiro com olho de nuvem enternecid

### Cantiga

de moito amar o que nom hai sabido  
o obscuro o inominado o desvanecido  
hei amado com amor desmesurado  
amei sem a palavra amor a boca haver dito  
toda áqua salobra do poço hei bebidio  
pero moiro com olho de nuvem enterneido

se me tangem feito boi me desgarro esguarito  
que minha carne não havera de ser ferida  
por zagaia de sandeu sem que eu escoiceie  
mas se me tratam com modos de moito afeto  
ou se minhas crias hai com gosto lambido  
pero moiro com olho de nuvem enterneido

se nom me ajoelho diante de vus senhora  
mentre a mi me parecels em bel guarvai  
nom zangueis que igual a vus nom sei parelha  
de vista baixa vus imagem mirei de esguilha  
desde entonce migo em coraçon hai guardado  
pero moiro com olho de nuvem enterneido

### Inventipalavração

Para Paulo Terra e Anna Lívia.

Que felicidade!  
Que tristidão!  
Que gordureza!  
Que esbeltaça!

O que diria

a nómica Alice

dante dessa

loucurice!

Inseio-o.

Sua pele era

esverdolenga.

A crissosa era meio

causamedifera.

Memo estupefata,

naquele momento,

não o ahei asquerento.

Há café?

Askemel.

Nada anwerizou.

Há café granizado?

Permaneceu calado.

Quedel-me absurdada.

Chega de conversa.

Você me bouleversa.

Mais tarde,

encasificada,

comigomesmada,

em processo

de euzificação,

toci a campainha.

Ao portearbir,

depaví-me

com uma cartinhazinha.

Desenvelopizei-a

e startei a gargarrir,

Assim assinada vinha:

coracionalmente,

seu ET de Varginha.

### Os homens e as coisas

sem os objetos

o corpo não tem gravidade

diapasão

prumo

o corpo precisa de contrapesos:

a mesa

a porta

a cama

cavidades onde lança seus parafusos

sem os objetos

o corpo se perde nos buracos

sugados pela mente

dispersa-se em círculos centrifugos

o corpo necessita dos objetos

para que estes confirmem

sua existência em fuga

### Atravessar as coisas

Para melhor absorver-lhes

a duração e o gosto.

Aprender a paciência

de um artesanato.

Sair do outro lado

com outra densidade:

o corpo mais sólido

diante da correnteza

desses dias.

### Uso

O uso dá caráters à coisas

como se o tempo maturasse

em suas moléculas

uma severa arquitectura

A virtude do meno

enobrece a casa

com a sua recusa

de adornos sem severita.

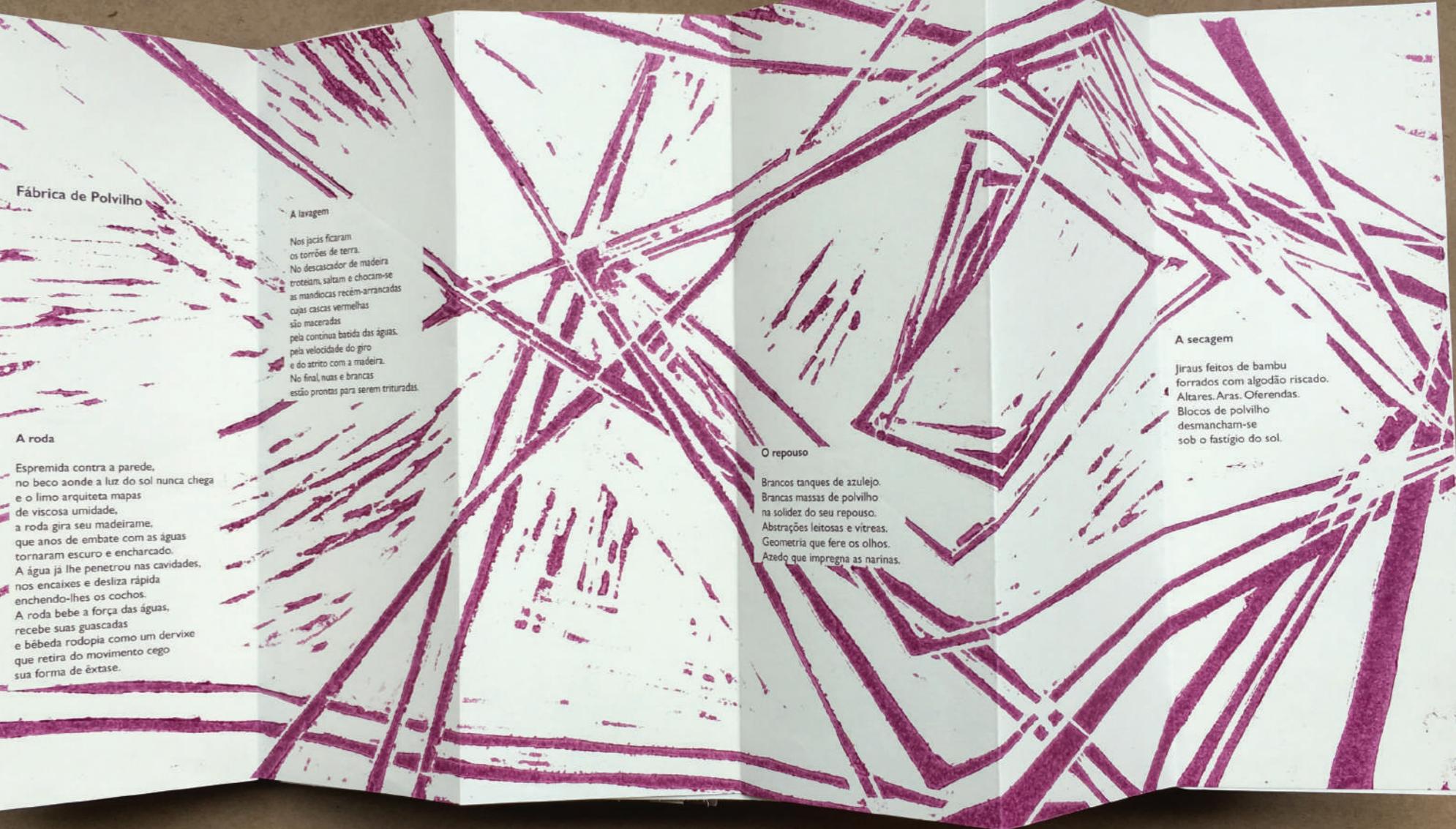
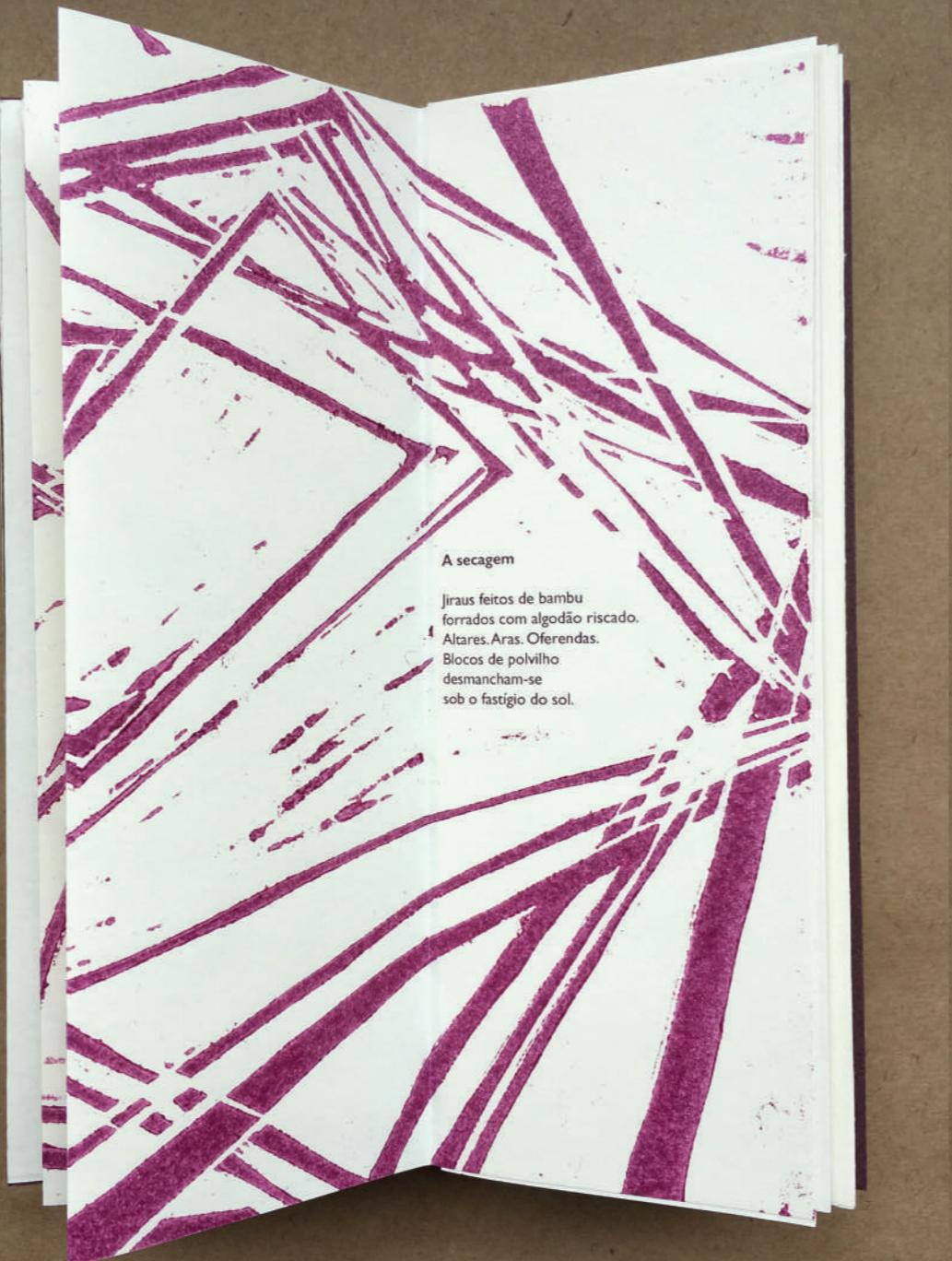
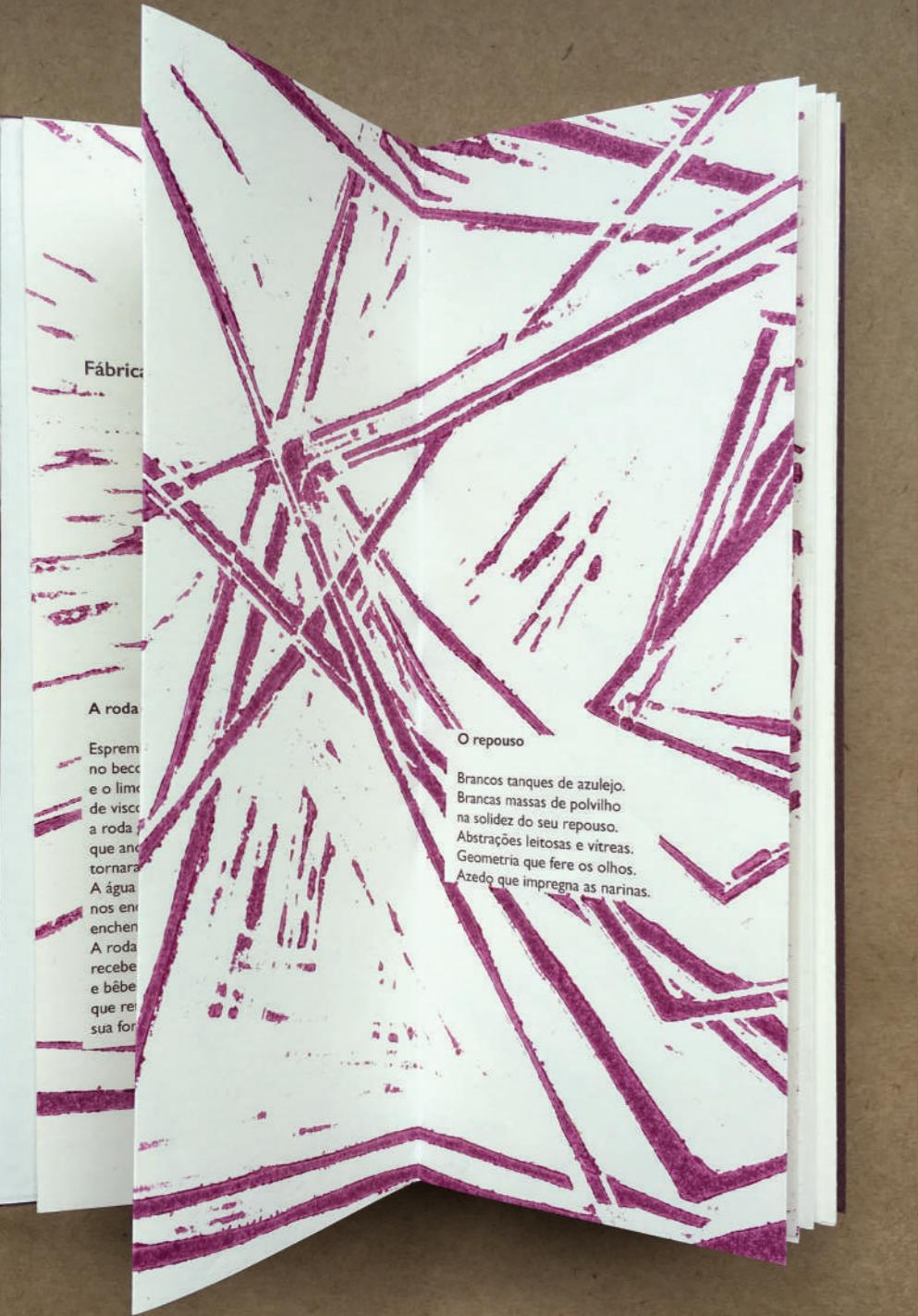
O que o homem gasta

em suas mãos

adquire a aura

de suas dores.





## de pilão

o ar  
e a dureza  
dro  
vir  
dico  
mático  
elado,  
e anos  
esize  
dedos  
mão  
lão  
pele lisa  
madura  
lustrosa  
instrumento  
que esfarela  
o grão  
e caleja  
a palma

30

A paulista Quta,  
andôches,  
mara e cardô  
uma cravinh  
na prele da cozinha  
para corar as bandejas  
de passi de farinha de milh  
que sas mãos modelan  
A sequência de cruzes  
conta a lória do dia,  
o agente da freguesia,  
os limites do seu território

ância  
za-o  
-lhe o peito,  
ucado  
a cicatrizou,  
ele houvera  
um rolo  
e farpado.

Cartografias

I  
Que raio  
de corisco  
preto

é este  
que vara  
o branco  
e deixa um rastro  
de vento  
da trincha  
em movimento?

II  
A lapeada  
de rabo de vaca  
espanta a mosca  
e imprime um risco  
escuro  
no lombo  
do retrairo.

III  
O rei  
do carro de boi  
no braço da estrada  
clica uma trama,  
um feixe de sulcos,  
uma estranhado  
da caneira da boiada.

IV  
A pasteleira Quita,  
analfabeta,  
marca a carvão  
umas cruzinhas  
na parede da cozinha  
para contar as bandejas  
de pastel de farinha de milho  
que suas mãos modelam.  
A sequência de cruzes  
conta a féria do dia,  
o apetite da freguesia,  
os limites do seu território.

V

A pilha de toras  
de madeira  
escurece no terreno.  
Em cada tora,  
os anéis revelam  
o tempo  
acumulado  
até o instante  
de uma a uma  
tombar  
sob o gume  
do machado.

VI

Uma ausência  
atormenta-o  
e enzipa-lhe o peito,  
um machucado  
que nunca cicatrizou,  
como se ele houvesse  
engolido um rolo  
de zume farpado,

dias provisórios

O rei inacével  
Para Paulo Octaviano Terra

Na cada dos sehos  
corre o rio que o sôvio ia.  
Rio inacével, nentanto, que tal  
a u ri que já conhecia.  
Escrevo em nome da águia  
tal qual aquela, nenhô a nenhô,  
onde a iança escrava.  
Efecta a boca a sede  
que não o toca  
que de fato importa,  
pureza d'água, o peixe,  
a paisagem que já não exis-

### O rio intocável

Para Paulo Octaviano Terra

Na cidade dos sonhos  
corre o rio que o sonho cria.  
Rio irreal, no entanto, igual  
a um rio que já conhecia.  
Escrevo meu nome na água  
tal qual aquela, mas não a mesma,  
onde a criança escrevia.  
E seca a boca a sede  
que a mão não toca  
o que de fato importa,  
a pureza da água, o peixe,  
a paisagem que já não existia.

### Estudos para Paulo Pasta

É tela a vida!  
Nós a pintamos!  
Emílio Mours

### Território

Só tem olhos  
para um território  
que já não existe mais.  
Paisagem velada  
que persiste na retina.  
Que elega uma forma,  
esfuma outras  
em arcos e colunas.  
Paisagem saturada  
que lenta se transmuda  
em outra no limite  
da exasperação.  
Paisagem irreal,  
onde se respira  
um ar rarefeito;  
o mundo suspenso  
por um fio  
no limiar da dissolução.

### Miolo

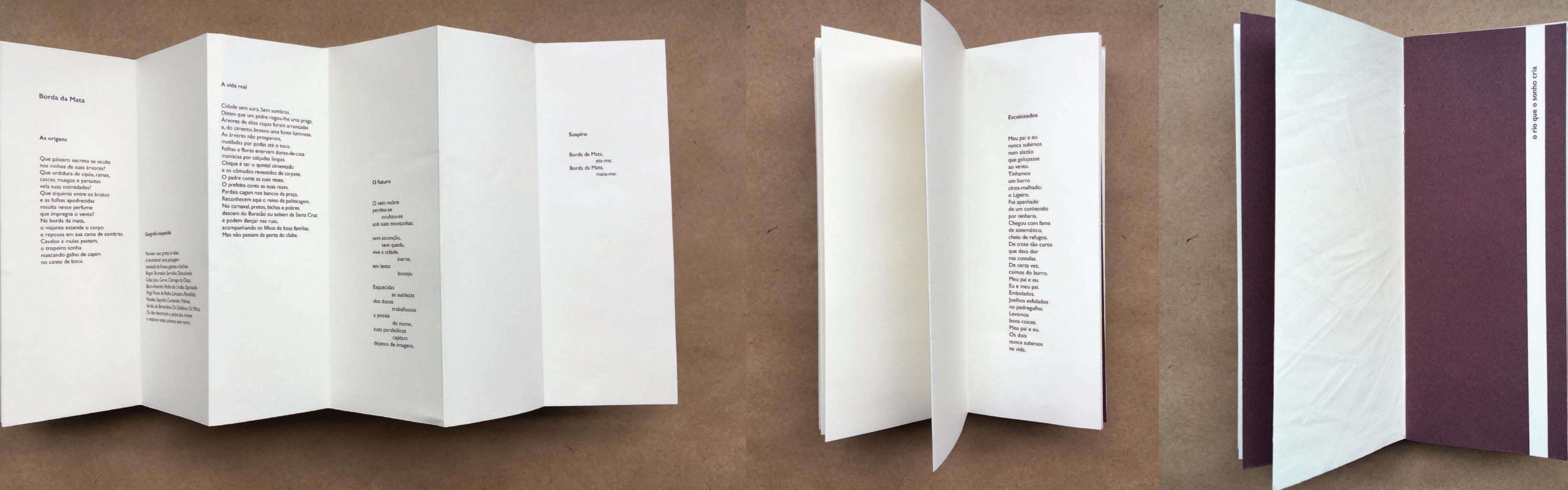
Lembro-te mata,  
tenda de folhas,  
ninal de minas,  
casulo de sombras,  
alcova de brotos,  
rende de luzes,  
vertigem de avencas,  
frigem de sapos,  
labirinto de cipós,  
manto de limos,  
frescor de cambrais,  
grafia de cascas,  
acridez de sumos,  
açúcar de flores.  
Recorro a todos os nomes  
sem nunca recuperar  
o frêmito de espanto,  
o susto da criança  
inaugurando a mata.

### Borda da Mata

### As origens

Que pássaro secreto se oculta  
nos ninhos de suas árvores?  
Que urdidura de cipós, ramas,  
cascas, musgos e parasitas  
vela suas intimidades?  
Que alquimia entre os brotos  
e as folhas apodrecidas  
resulta nesse perfume  
que impregna o vento?  
Na borda da mata,  
o viajante estende o corpo  
e repousa em sua cama de sombras.  
Cavalos e mulas pastam,  
o tropeiro sonha  
mascando galho de capim  
no canto da boca.

as.



Cidade

ó blues de cruciais impossibilidades  
dores de amores inexistentes  
rosas amarelas mortas no apartamento  
beijos e saliva nas tardes desérticas  
  
ó visão depressiva do asfalto molhado  
prédios encardidos & a horda dos bárbaros  
arquitetura de guerra de dias provisórios  
espelho poluído da cidade da chuva  
  
ó mundo artificial com sua natureza de néon  
espetáculo de vitrines e exibições  
nada de eterno no seu coração  
tudo já nasce velho para ser refeito amanhã

À margem

o rio morto  
o rio fétido  
o rio podre  
o rio lodo  
o rio negro  
espelho que reflete  
prédios e carros  
trilhos e latas  
o rio e a memória das águas  
  
à margem  
heráldica  
estática  
uma garça  
ergue  
para o céu  
a hipérbole  
do seu avô  
pescoço

Domingo paulistano

Uma pombinha encardida pousa na calçada.  
O casal de namorados deixa a lanchonete.  
Cheiro de hambúrguer no ar.  
Daqui a pouco estarão acesas as luzes da cidade.  
Imenso cartão postal da nossa solidão.

Um outro homem inacabado

Nesta cidade impermanente,  
um homem jamais está inteiro.  
Parte perdeu-se em alguma rodovia.  
Outra sonha com montanhas,  
água de bica, cachoeiras, maresia.

Esta cidade de São Paulo  
nunca está arrematada,  
corpo sempre em realhos.  
Mutantes arquiteturas  
que não penetram nas veias.

Nesta cidade de São Paulo,  
um homem constrói sua casa  
como uma flor amarela  
que teima em brotar  
em zona de perigo.

Efêmera, como outras,  
destinada à demolição.  
Casca fina e provisória,  
fraca diante das ventanias,  
das máquinas e da solidão.

Nesta cidade dividida,  
cada homem é estilhaço,  
entulho jogado na cacambá,  
porque há outro na fila  
para ocupar o seu espaço.

Exílio

Na beira da porta de aço,  
ela tricota: faz bicos vermelhos  
em alvos panos de algodão.  
Não sou daqui, não.

Sou de Aracaju, Sergipe.  
Vim em busca da minha irmã.  
Mudou para o Mato Grosso.  
Meu cunhado mora em Marília.  
Não sou daqui, não.

Sou de Aracaju, Sergipe.

Tenho dinheiro pra passagem não.

Não sou daqui, não.

Sou de Aracaju, Sergipe.

Nem o corpo

No seu bungalow,  
sob o viaduto,  
uma estrela  
nunca salpicou o chão.  
As balas dos revólveres  
furaram o zinco.  
Só restaram o abandono,  
em sua nudez,  
e umas roupas  
penduradas no varal.  
Ali permanecem,  
tesas e encardidas,  
em meio à fumaça  
dos escapamentos.

Não, ninguém as reivindicou  
como herança.

Nem o corpo

No seu bungalow,  
sob o viaduto,  
uma estrela  
nunca salpicou o chão.  
As balas dos revólveres  
furaram o zinco.  
Só restaram o abandono,  
em sua nudez,  
e umas roupas  
penduradas no varal.  
Ali permanecem,  
tesas e encardidas,  
em meio à fumaça  
dos escapamentos.

Não, ninguém as reivindicou  
como herança.

Esquijo

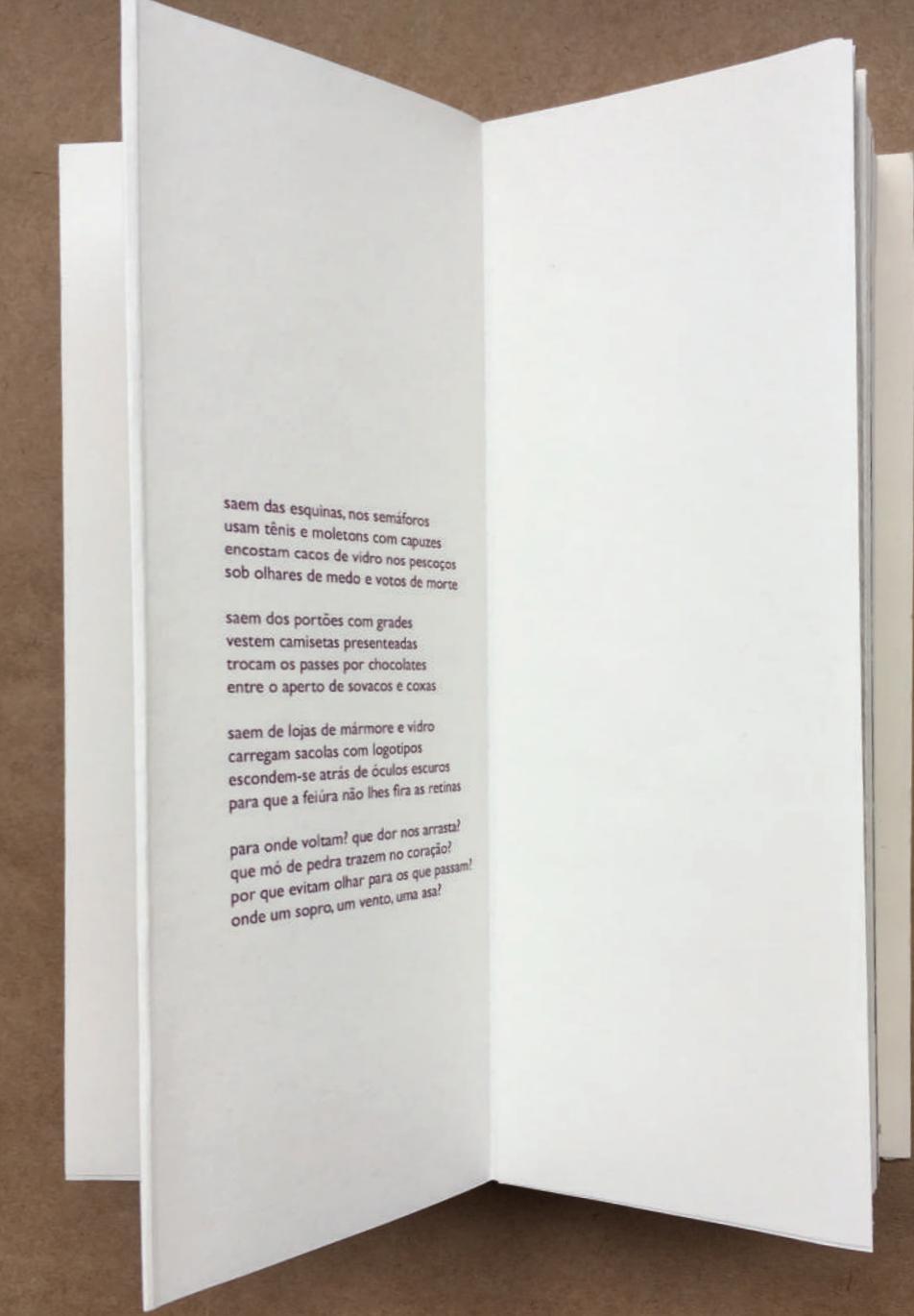
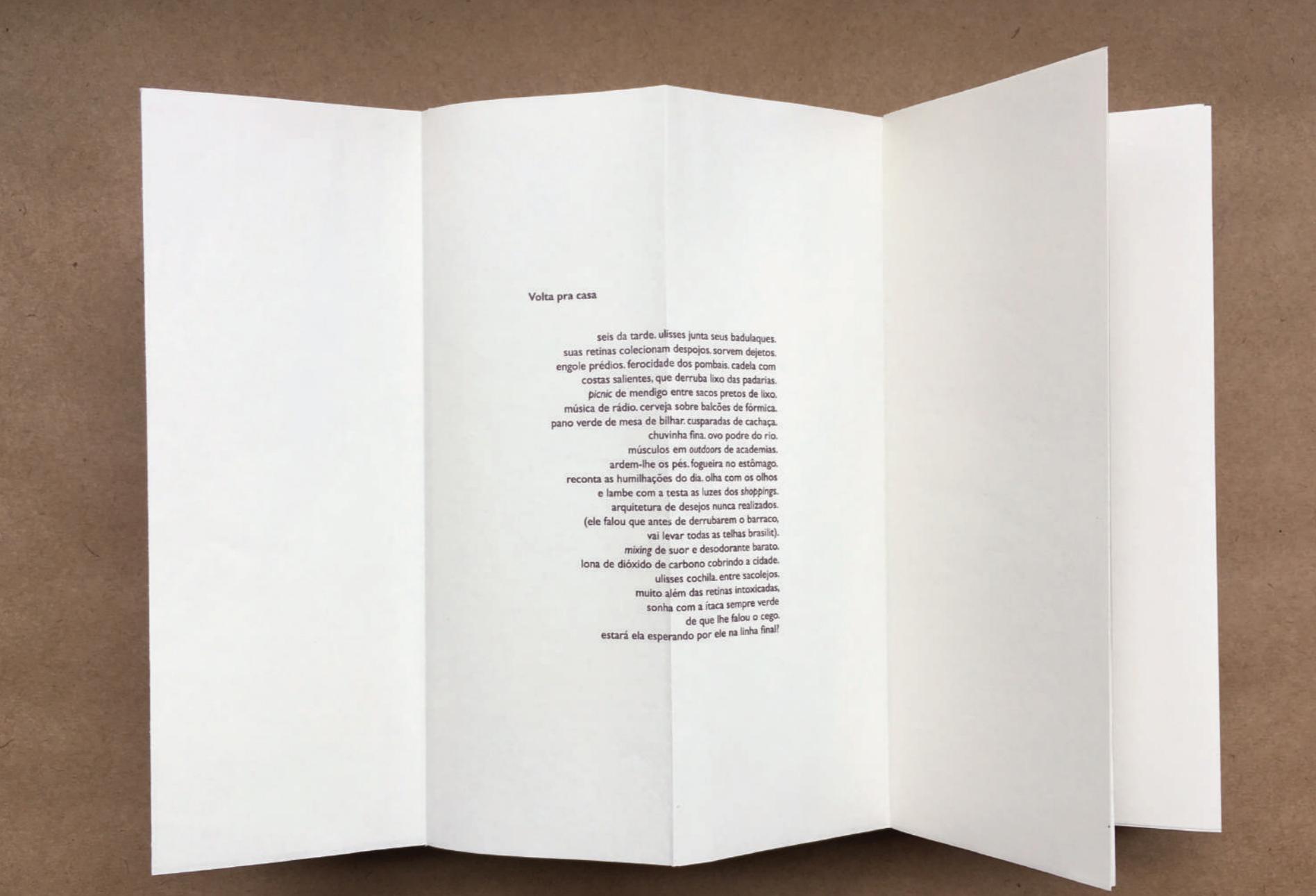
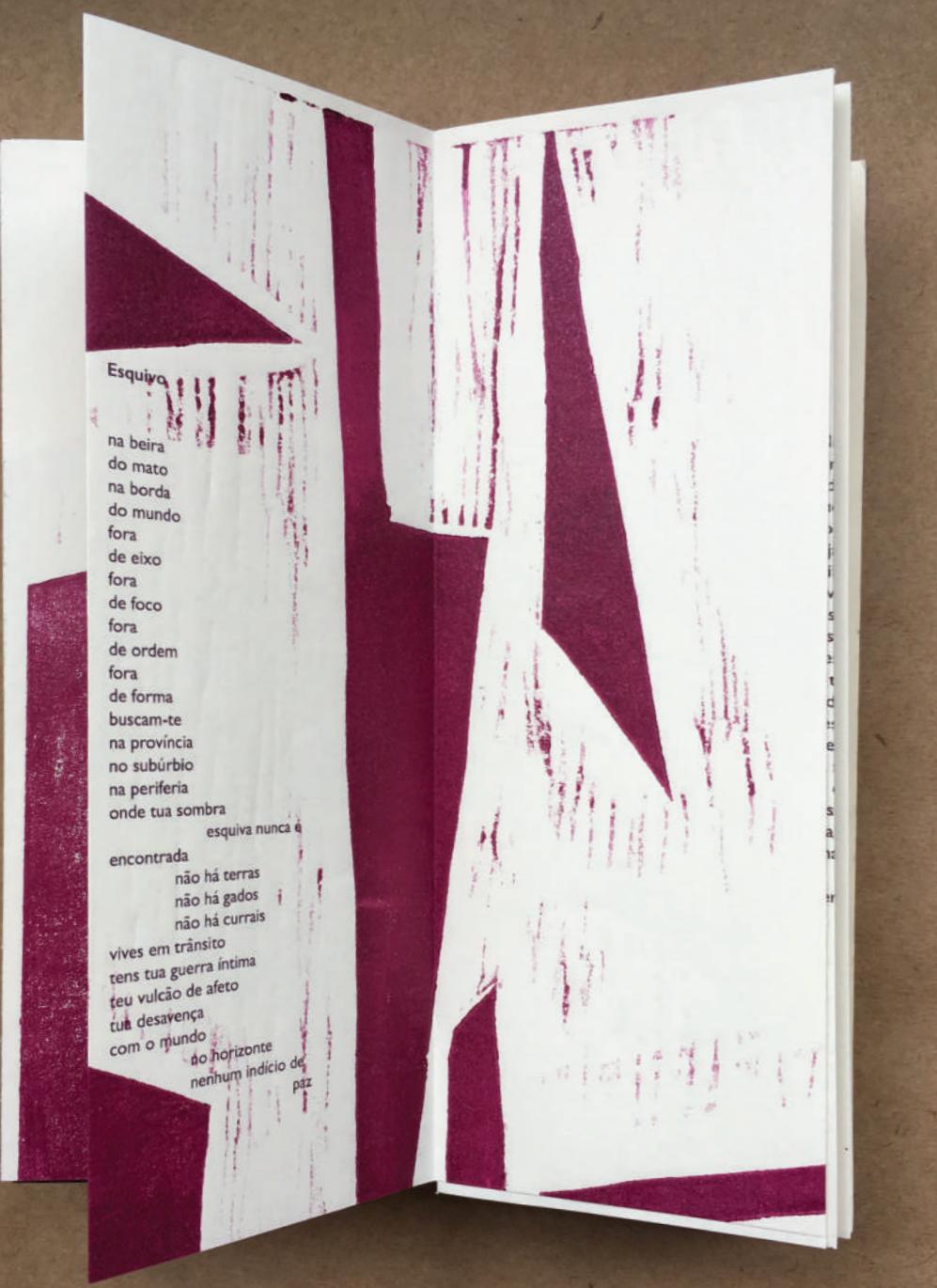
na beira  
do mato  
na borda  
do mundo  
fora  
de eixo  
fora  
de foco  
fora  
de ordem  
fora  
de forma  
buscam-te  
na província  
no subúrbio  
na periferia  
onde tua sombra

esquia nunca é  
encontrada

não há terras  
não há gados  
não há currais

vives em trânsito  
tens tua guerra íntima  
teu vulcão de afeto  
tua desavença  
com o mundo

ao horizonte  
nenhum indício de  
paz



etrato como boi

oim mesmo.  
so.  
canga.  
carro.  
ônibus.  
arado.  
grado por ferrão.  
carreto.  
prédio de vidro.  
m châchá  
ira assinada.  
improvado.  
distinto  
da da cidade.  
gido.  
mento.  
joelhos  
m mugido  
uridio.  
ral da insônia,  
palavras pastadas  
nceira dos dias.

1

卷之三

"A poesie resiste à falar  
parlante e coot, "edit  
moral" (Drummond).

“...adunite  
odo esse  
Poeta  
entral nas  
pa.  
  
recente,  
avanço de

memória viva de passado e presente  
novo orden que se recorta no horizonte  
Quer informar zonas largas que  
preferem o rito, o rito, o rito, a  
que desfrutam a medida do presente  
e da liberdade futura, o seu dia de  
ver dia descurtar corretos.” (1977)

A poesia resiste quando o passado Mata, promovendo mas não impune sua genialidade, avessas, e não menos que "não prospera", outras coisas.

de  
ta  
o  
lor,  
lado  
“; Bosi  
adeiro  
or da  
nte de  
Para  
paz de  
idade  
desqual  
éncia  
em  
portanto  
em neste  
o-se uma  
rônica.

ressada. C  
gem, nunca  
nicia, que n

